

O PAPEL DOCENTE NOS NOVOS RITUAIS DO SABER EM TEMPOS DE PANDEMIA

THE TEACHING ROLE IN THE NEW RITUALS OF KNOWLEDGE IN PANDEMIC TIMES

VANESSA YURI NAKAOKA ELIAS SILVA^{1*}, ALEXSÂNDER NAKAÓKA ELIAS², IARA GAIL LOPES³, CATARINA AMORIM BACCARINI PIRES⁴

1. Graduada em Medicina e Fisioterapia pela Univaço, pós-graduada em Saúde Pública pela Universidade São Camilo e mestra em Imunopatologia das Doenças Infecciosas e Parasitárias pela Univalde/UFOP. Atualmente, é docente de pediatria do curso de medicina da UNIVAÇO e discente de pós-graduação em Inovação, Gestão e Práticas Docentes no Ensino Superior – FASA ITABUNA; 2. Graduado em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Federal do Espírito Santo, mestre em Fotografia e Cinema pela Unicamp e doutor em Antropologia Social pela Unicamp. Atualmente, Pós-doutorando em Antropologia Social pelo Núcleo de Antropologia Visual da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (NAVISUAL/UFRGS) e docente colaborador do Departamento de Antropologia Social da UFRGS. 3. Graduada em Medicina pela Univaço (2016), fez residência no Hospital Márcio Cunha (2020) e é especialista em pediatria pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP, 2020). Atualmente, é docente de pediatria do curso de medicina da UNIVAÇO e discente de pós-graduação em Inovação, Gestão e Práticas Docentes no Ensino Superior – FASA ITABUNA; 4. Graduada em Medicina pela UFMG (2004), realizou residência em pediatria no Hospital Odilon Behrens e de neonatologia no Hospital das Clínicas da UFMG, é especialista em pediatria, neonatologia e de emergencista pediatra pela Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP). Atualmente, é docente de pediatria do curso de medicina da UNIVAÇO e discente de pós-graduação em Inovação, Gestão e Práticas Docentes no Ensino Superior – FASA ITABUNA.

* UNIVAÇO - Rua João Patrício Araújo, N° 179, Veneza 1, Ipatinga, Minas Gerais, Brasil, CEP: 35164-251. vasilva777@yahoo.com.br

RESUMO

Este artigo tem o intuito de refletir a respeito das consistentes mudanças nos tradicionais modos de ensino, aqui vistos como “rituais” contemporâneos, ao longo da pandemia da Covid-19, assim como elocubrar sobre as potencialidades desses mesmos rituais após o término da crise sanitária e humana que aflige o mundo, em especial os brasileiros, cujos contundentes impactos nos âmbitos social, econômico e político mostram-se evidentes. Para tanto, o viés de análise aqui utilizado será a reflexão a partir do ponto de vista do docente. Na atual conjuntura, ao que parece, mais do que nunca, assume o lugar de mediador do processo de conhecimento, participando tanto da gestão e do planejamento educacional, quanto (re)adaptando-se a uma realidade diferente e distópica. O docente deve ainda reconhecer seus limites e possibilidades e assumindo, muitas vezes, papéis que inicialmente não caberiam a ele juntos aos discentes (como o de psicólogo, pai, mãe, confidente, amigo, etc.).

PALAVRAS-CHAVE: Docente, estudante, pandemia, rituais, educação.

ABSTRACT

This essay wants to reflect on the consistent changes in traditional teaching methods, seen here as contemporary “rituals”, throughout the Covid-19 pandemic, as well as to highlight the potential of these same rituals after the end of the health and human crisis that afflicts the world, especially Brazilians, whose striking impacts on the social, economic and political spheres are evident. Therefore, the analysis bias used here will be the reflection from the professor’s point of view. In the current situation, it seems, more than ever, takes the place of mediator of the knowledge process, participating in both the management and the educational planning, as (re)adapting to a different and dystopian reality. The professor have yet to recognize its limits and possibilities and often

assuming roles that initially would not fit him with the students (such as that of a psychologist, father, mother, confident, friend, etc.).

KEYWORDS: Professor, student, pandemic, rituals, education.

1. INTRODUÇÃO

Perante o período de exceção que teve início com a pandemia da Covid-19 em março de 2020 (mais de um ano atrás, portanto), nos vemos forçados a alterar as nossas formas de interação e sociabilidade por causa da urgência do distanciamento social. A dimensão política da crise sanitária na qual nos encontramos, especialmente no Brasil, nos coloca diante da necessidade de discutir sobre questões éticas e morais, pensando e defendendo os direitos e a dignidade da pessoa, condições *sine qua non* para o convívio harmônico em sociedade.

Esse novo cenário impõe desafios constantes, incluindo aqueles relacionados à saúde mental, tanto dos docentes quando de seus alunos, na qual mente e corpo se integram, diferentemente do que poderia supor uma visão mais conservadora da biomedicina. Aqui, o docente deverá inicialmente preocupar-se em se manter estável mental, espiritual e fisicamente, para que esteja apto a auxiliar o aprendizado dos seus alunos. Uma metáfora/analogia instigante para exemplificar essa questão diz respeito a uma cabine de avião despressurizada, na qual primeiro devemos colocar a máscara de oxigênio em nós mesmos para, só então, auxiliar os demais. Assim acontece com os docentes, que precisam ter as condições materiais e psíquicas para auxiliar seus discípulos, para cuidar e instruir o próximo.

Apenas dessa maneira ele conseguirá, na atual

conjuntura, assumir o importante papel de mediador do processo de conhecimento, participando tanto da gestão e do planejamento educacional, quanto (re)adaptando-se a uma realidade diferente e distópica, devendo reconhecer seus limites e possibilidades e lidar, muitas vezes, com demandas que inicialmente não caberiam a ele exercer junto aos discentes (psicólogo, pai, mãe, confidente, amigo, etc.) e à sociedade em geral.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Este artigo busca realizar uma revisão bibliográfica com o intuito de abordar as vicissitudes no processo de aprendizado em tempos de pandemia da Covid-19 no Brasil, levando em consideração, principalmente, o papel ocupado pelos docentes nesses novos rituais de ensino, mas também considerando a posição dos discentes e dos demais envolvidos no percurso acadêmico (sociedade em geral, gestores, etc.).

A busca das obras literárias se deu abordando as teorias antropológicas clássica e contemporânea, em especial os autores e autoras que lidam/lidaram com o tema do ritual, como, por exemplo, Victor Turner, Mariza Peirano, Roberto da Matta, Claude Lévi-Strauss, entre outros. As palavras utilizadas como descritores foram pandemia, Covid-19, educação e ritual, sendo identificado uma ampla gama de artigos e livros sobre as temáticas em questão. Aqui, foram utilizadas 14 obras, após a devida análise dos resumos, que estão nos idiomas português, francês e inglês.

3. DESENVOLVIMENTO E DISCUSSÃO

O papel do docente na atual conjunta passa necessariamente pelo crivo tanto da sua individualidade quanto pelas suas funções e perspectivas sociais na posição de mediadores da apreensão do conhecimento por parte de seus alunos e da sociedade. Isso parece colocar em questão o clássico dualismo presente nas ciências humanas referente à dicotomia indivíduo e sociedade, agora não mais visto como termos excludentes, mas a partir do estabelecimento de uma relação. Com a sobrecarga do sistema remoto devido a pandemia da Covid-19, na qual nos vemos confinados há mais de um ano, passa a existir um esgotamento docente e a acumulação de exigências que colocam em risco sua saúde mental e física, o que, além de afetar a sua individualidade, certamente refletirá no exercício da sua profissão.

O aprendizado, que agora se dá quase exclusivamente por videoconferências, *podcasts* e teleaulas, tensiona a materialidade e a temporalidade do ensino, outrora marcado pelos encontros presenciais. Aqui, partimos da premissa de que esse novo e complexo cenário questiona e altera, talvez de forma definitiva, os nossos rituais tradicionais de ensino e aprendizado, historicamente alicerçados sobre uma espécie de “pacto social” estabelecido entre estudante e professor. Agora, estamos diante de uma saturação de

aulas online, ambiente no qual tudo parece mais efêmero, em um tempo mais rápido, dinâmico e distinto do que estávamos habituados. Tal ritmo acelerado interfere diretamente, também, nas relações interpessoais entre aluno-professor e entre aluno-aluno, típicas das interações encontradas nas salas de aula.

É importante ressaltar que as relações estabelecidas entre corpo docente e discente continuam a apresentar uma espécie de “eficácia simbólica”, no sentido que nos fala o importante antropólogo belga Claude Lévi-Strauss (1949)¹, quando discorre a respeito das experiências mágicas dos xamãs (ou feiticeiros¹) de determinadas etnias indígenas. Segundo o pai do estruturalismo na antropologia, “não há, pois, razão de duvidar da eficácia de certas práticas mágicas”. Lévi-Strauss ressalta que “a eficácia da magia implica em crer na magia”, fato que está alicerçado sobre três aspectos que se complementam: a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; a crença do doente no poder do feiticeiro; e na confiança e nas exigências da opinião coletiva, “que formam a cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça” (LÉVI-STRAUSS, 1958, p. 195)². Embora o xamã (ou feiticeiro) consiga curar uma parcela dos pacientes ao fazer uso de elementos medicinais semelhantes aos utilizados pelos médicos denominados “civilizados”, Lévi-Strauss enfatiza que o elemento essencial na eficácia simbólica reside na outra extremidade do sistema, isto é, no polo coletivo que inclui o paciente e o seu grupo.

Podemos realocar essa análise para o campo do ensino, visto que, assim como os indígenas confiam nos poderes de cura dos xamãs, devido ao profundo conhecimento que eles possuem e que foram adquiridos por meio das suas vastas experiências de vida, o mesmo acontece com os alunos que entregam e confiam aos professores, não de forma passiva, claro, o papel de mediadores para o seu aprendizado. Aqui, também, parece existir três polos interdependentes: 01) o professor, que deve se preparar devidamente, tanto na busca pelo conhecimento das disciplinas às quais lecionará, quanto mantendo o devido equilíbrio emocional e físico, confiando assim nas suas capacidades de auxiliar os alunos no aprendizado; 02) o aluno, que deve confiar nos mestres que se mostram aptos e apresentam a sabedoria necessária para transmitir os conhecimentos (muitas vezes não somente no âmbito educacional); e 03) a sociedade mais ampla, composta pelo conjunto de instituições (universidades, faculdades, empresas, governos nos âmbitos federal, estadual e municipal, ONGs, população civil, etc.), que deverá valorizar devidamente o docente tanto moral – reconhecendo o valor do professor na sociedade – quanto materialmente – com remunerações que façam jus a todo o esforço desses profissionais.

De fato, apesar da existência dessa “eficácia

1 Lévi-Strauss (1975 [1949]) ressalta a existência e o uso dos termos “xamãs” e “feiticeiros”, sendo que cada um deles convêm para denotar o tipo de atividade específica realizada em determinada região do

mundo.

2 Como as ervas, por exemplo, dos quais são extraídas substâncias que, combinadas, compõem os remédios da medicina ocidental.

simbólica”, a relação tradicional entre professor e aluno toma outros contornos no contexto de pandemia e ensino remoto, instituindo um novo “ritual”, um ritual contemporâneo no sentido estrito do termo. Victor Turner (1967, 1969, 1974)^{3,4,5} falará sobre o ritual, ampliando os conceitos e o arcabouço teórico de outro antropólogo, Arnold Van Gennep (1909)⁶:

... os rituais revelam os valores no seu nível mais profundo [...] os homens expressam no ritual aquilo que os toca mais intensamente e, sendo a forma de expressão convencional e obrigatória, os valores do grupo é que são revelados. Vejo nos estudos dos ritos a chave para compreender-se a constituição essencial das sociedades humanas. Os ritos em parte têm a finalidade de efetuar uma reconciliação entre as partes em jogo, visíveis e invisíveis... (TURNER, 1974, p. 23-34)⁵.

Às contribuições de Van Gennep (1909)⁶ e Turner, acrescentamos os conceitos de ritual de Tambiah (1970, 1985)^{7,8}, DaMatta (1977, 1990)^{9,10} e Peirano (2001, 2003)^{11,12}. Esses autores argumentam que os rituais não são exclusivamente eventos extraordinários – como o são, por exemplo, os rituais de elevação hierárquica de uma determinada sociedade. Dessa forma, os rituais se fazem presentes no dia a dia, nos acontecimentos cotidianos e corriqueiros como, por exemplo, em um singelo aperto de mão (DAMATTA, 1990)¹⁰ ou em um jogo de futebol (PEIRANO, 2003)¹¹. De acordo com Roberto DaMatta, no prefácio à obra “Os ritos de Passagem” de Van Gennep (1978[1909])⁶:

O rito, assim, também enquadra – na sua coerência cênica grandiosa ou medíocre – aquilo que está aquém e além da repetição das coisas reais e concretas do mundo rotineiro. Pois o rito igualmente sugere e insinua a esperança de todos os homens na sua inesgotável vontade de passar e ficar, de esconder e mostrar, de controlar e libertar, nesta constante transformação do mundo e de si mesmo que está inscrita no verbo viver em sociedade (p. 11).

É possível considerar, ao levar em conta as reflexões estabelecidas por Tambiah (1985)⁸, Peirano (2001, 2003)^{11,12} e DaMatta (1990)¹⁰, que o uso da noção e do sentido de ritual pode ser ampliado, o que disponibiliza um instrumental analítico importante para investigar os eventos críticos de uma sociedade contemporânea como a nossa. Peirano (2001, p. 35)¹¹ afirma, neste sentido, que segundo o senso comum, tumultos como os riots e o potlatch, analisados respectivamente por Tambiah (1996)¹³ no sul da Ásia e por Mauss (1925)¹⁴ entre os polinésios, “não são rituais no sentido estrito”, pois “acostumamo-nos a associar rituais a performances auspiciosas”. No entanto, Peirano destaca que há três aspectos a considerar em relação aos dois casos:

Primeiro, a população sul-asiática, isto é, os nativos, marcam esses momentos como

distintos dos acontecimentos cotidianos; segundo, trata-se de uma performance coletiva para atingir determinado fim; terceiro, os eventos possuem uma ordenação que os estrutura. Estes são traços fundamentais de um ritual na definição heurística e não absoluta que Tambiah propôs em 1979. No caso em tela, esses fenômenos têm uma designação específica – são riots – e, embora aparentemente espontâneos, irracionais e caóticos, quando analisados revelam feições antecipadas, programadas, duração determinada, traços e fases recorrentes. É necessário ao etnólogo, portanto, desenvolver a sensibilidade para reconhecer nesses fenômenos os aspectos rituais – aliás, como Mauss fez em relação ao potlatch (PEIRANO, 2001, p. 35)¹¹.

Assim, ao reconhecer que o potlatch nasce “de um repertório cultural que não os faz aberrações em termos sociológicos”, Peirano afirma que esses episódios produzem eventos intensificados e exaltados, sendo que a sua familiaridade é exatamente o que os tornam um desafio e chama a nossa atenção (2001, p. 35)¹¹. A autora sugere, dessa forma, que:

A ampliação da análise de rituais para eventos críticos de uma sociedade implica conceder aos fenômenos assim examinados uma liberdade sui generis, derivada de suas dimensões sociológica e histórica. De um lado, então, é preciso reconhecer que eles são, em parte, “sua própria causa” – o evento tem elementos que o tornam imprevisível, uma surpresa, uma diferença; não fosse assim, não se trataria de um evento, mas somente da ativação de uma potencialidade, da mera atualização de uma causa, da realização de uma estrutura. Por outro, justamente esses traços específicos dos eventos – diferente dos rituais convencionais – trazem como consequência uma ampliação dos “efeitos perlocucionários”, isto é, dos resultados não antecipados que derivam dos contextos culturais particulares nos quais ocorrem (PEIRANO, 2001, p. 36)¹¹.

O argumento da autora mostra que em qualquer tempo ou lugar, a vida social é sempre marcada por rituais, mesmo que a tendência seja a de negar a existência e a importância dos mesmos na vida cotidiana. Com uma visão que diz ser “otimista e afirmativa em relação aos rituais”, ela parte de uma definição operativa do conceito, ao compreendê-lo como uma questão que precisa ser percebida. Sugere, além disso, que a natureza dos eventos rituais não está em questão, podendo ser “profanos, religiosos, festivos, formais, informais, simples ou elaborados”. Ao partir do princípio de que uma sociedade possui um repertório relativamente definido (embora flexível), Peirano percebe que o que se encontra no ritual também está presente no dia a dia, e vice-versa. Ao mostrar-se como um fenômeno especial da sociedade, que aponta e revela

representações e valores da mesma, os rituais expandem, em última instância, o que já é comum a um determinado grupo:

Rituais são bons para transmitir valores e conhecimentos e também próprios para resolver conflitos e reproduzir as relações sociais; finalmente, como vivemos em sociedade, tudo aquilo que fazemos tem um elemento comunicativo implícito. Ao nos vestirmos de determinada forma, ao assumirmos determinadas maneiras à mesa, ao escolhermos determinados lugares para frequentar, estamos comunicando preferências, status, opções. Da mesma forma, falar também é uma forma de agir, como qualquer outro tipo de fenômeno: falar e fazer têm, cada um, sua própria eficácia e propósito, mas ambos são ações sociais (PEIRANO, 2003, p. 07-10)¹².

Para Tambiah (1985)⁸, o ritual consiste em um sistema cultural de comunicação simbólica, sendo constituído de sequências ordenadas e padronizadas de palavras e atos, em geral expressos por múltiplos meios, com conteúdo que possuem como características graus variados de formalidade (convencionalidade), estereotipia (rigidez), condensação (fusão) e redundância (repetição). Da Matta (1977, p. 69)⁹ também ressalta que os rituais não constituem momentos substantivamente distintos do mundo cotidiano, mas combinações desses mesmos momentos, sendo, dessa maneira, “modos de salientar aspectos do mundo diário”, cuja matéria-prima seria “a mesma do mundo da vida diária e que entre elas as diferenças são apenas de grau, não de qualidade”. Tais características dos rituais contemporâneos parecem coadunar com as novas dinâmicas cotidianas do ensino remoto (mas que também abrangem outras relações de trabalho e de afinidade), acentuando o caráter relacional existente entre professor-aluno e aluno-aluno. É no espaço dos encontros virtuais que a educação, agora, tenta manter e estabelecer novas conexões e interlocuções entre docentes, discentes, instituições de ensino e a sociedade como um todo.

4. CONCLUSÃO

Neste artigo, buscou-se problematizar como as vicissitudes do ensino remoto tencionam alguns pressupostos das relações intersubjetivas entre docentes-discentes e discentes-discentes. Para tanto, estabelecemos que é preciso, nesse novo contexto de pandemia, nos atentar mais às relações sociais e aos sistemas dessas relações do que aos efeitos das suas combinações. Em outros termos, para repensar os novos contextos que surgem com a pandemia é necessário, primeiro, realizar um movimento na direção oposta, os desritualizando e levando em conta até mesmo as situações cotidianas, como, por exemplo, um dia letivo virtual, como um rito contemporâneo:

Contudo, é fundamental dizer que esses tempos de confinamento e autoritarismo governamental suscitam a

necessidade de profundas reflexões sobre a importância dos direitos humanos e da inclusão de grupos minoritários no ambiente acadêmico, para que esse ritual seja acessível a um número cada vez mais amplo de pessoas. Em suma, essas garantias englobam os direitos civis e políticos; de prática religiosa (ou o direito à ausência de tais práticas, ao se pensar especificamente no Brasil, um país majoritariamente católico e protestante, mas que foi edificado por múltiplas etnias, sendo que as religiões de matriz africana e as crenças dos povos tradicionais, comunidades que foram historicamente dizimadas tanto física como culturalmente pela presença do branco colonizador cristão, precisam ser respeitadas e protegidas); de igualdade; etc. Assim, devemos inserir nesse local o acesso à vida, à liberdade de expressão, à saúde e educação universais e de qualidade e o completo respeito ao Estado democrático de direito. Esses são, inclusive, alguns dos preceitos e definições das Organizações das Nações Unidas (ONU) sobre o tema.

É capitular, portanto, ressaltar a necessidade da inclusão social e acadêmica de grupos minoritários e excluídos, que devem, por mais incoerente que possa parecer (embora tal paradoxo seja uma falácia), quando levamos em conta o princípio da “igualdade”, ter condições excepcionais de tratamento, visto que, em uma conjuntura de falsa meritocracia, tais indivíduos/comunidades não saem do mesmo ponto de largada daqueles privilegiados socioeconomicamente. Negros, indivíduos homoafetivos, pessoas com deficiências diversas (físicas-motoras, intelectuais, etc.), comunidades indígenas e quilombolas, mulheres em uma sociedade machista e pessoas invisíveis socialmente (pobres, moradores de periferias, idosos, dependentes químicos, entre tantos outros) precisam ser inseridas e cuidadas com zelo.

Nesse ínterim, como podemos pensar na devida inclusão de grupos minoritários nesse novo ritual acadêmico? As cotas para alunos negros e oriundos de escolas públicas, massivamente criticadas por uma elite acostumada com os seus privilégios, é o primeiro passo, paliativo, para atenuar mais de cinco séculos de exclusão socioeconômica, abrandar um racismo estrutural que se mantém presente, inclusive, no contexto pandêmico, de encontros virtuais. Seria leviandade achar que o ambiente conectado corresponde a uma realidade para uma parcela majoritária da população brasileira (e também global), boa parte em situação de miséria, pobreza e descaso, excluídas, deixadas à margem desse “ritual educacional remoto”.

5. REFERÊNCIAS

- [1] Lévi-Strauss C. Les Structures élémentaires de la parenté (As estruturas elementares do parentesco), Paris, Presses universitaires de France. 1949.
- [2] Lévi-Strauss C. Antropologia Estrutural I. Paris: Librairie Plon. 1958.
- [3] Turner V. The Forest of Symbols: Aspects of Ndembu Ritual. Cornell University Press. 1967.
- [4] Turner V. The Ritual Process: Structure and Anti-Structure. Oxford: Oxford University Press. 1969.

- [5] Turner V. *Dramas, Fields, and Metaphors: Symbolic Action in Human Society*. Cornell University Press, 1974.
- [6] Van Gennep A. *Os ritos de passagem*. Petrópolis: Vozes. 2011. (Original publicado em 1909).
- [7] Tambiah S. *Buddhism and the Spirit Cults in North-East Thailand*. Cambridge: University Press. 1970.
- [8] Tambiah S. *Sri Lanka: Ethnic Fratricide and the Dismantling of Democracy*. Chicago: University of Chicago Press. 1985.
- [9] Damatta R. *Poe e Lévi-Strauss no Campanário ou A obra literária como etnografia. Ensaios de Antropologia Estrutural*. 2ª. Ed. Petrópolis: Vozes. 1977.
- [10] Damatta R. *Carnavais, malandros e heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara. 1990.
- [11] Peirano M (org.). *O Dito e o Feito. Ensaios de Antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará. 2001.
- [12] Peirano M. *Rituais ontem e hoje*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora. 2003.
- [13] Tambiah S. *Leveling Crowds. Ethnonationalist Conflicts and Collective Violence in South Asia. (Comparative Studies in Religion and Society)*. University of California Press. 1996.
- [14] Marcel M. *Ensaio sobre a dádiva*. São Paulo: Editora 70, 2008 [1925].